

ARTIGO PROVISÓRIO I

“O QUE É?”

“COM QUE DIREITO?”

“PARA QUE FINS?”

A RESPOSTA A ESTAS PERGUNTAS PODERÃO OS CRIADORES SABÊ-LA; AOS RESTANTES, PODERÁ OU NÃO IMPORTAR.

MAS NENHUM DE NÓS SABERÁ RESPONDER EXACTAMENTE A QUESTÕES TÃO INEXACTAMENTE FORMULADAS.

ATÉ PORQUE NÃO É DO BAZAR QUE FALAMOS.

É DAS CRIAÇÕES PORVIR; DO QUE ELAS POSSAM TER DE INSUSPEITO, DE INADIVINHÁVEL, DO QUE NELAS SE FURTA A QUALQUER EXPLICAÇÃO.

O BAZAR É UMA OBRA ABERTA DE ENGENHEIROS ANÓNIMOS E INCOMPETENTES, DE UM COLECTIVO INDEFINIDO DE HEREGES DEDICADOS A UM TRABALHO CONTÍNUO DE ARTICULAÇÃO ENTRE A PLATAFORMA E OS ENCONTROS QUE NELA SE DEREM.

É UM OFÍCIO DE DISSONÂNCIAS, DESINTERESSADO POR MODELOS ALGORÍTMICOS E PELOS SEUS RESPECTIVOS FINS COMERCIAIS.

A SUA ESTRUTURA, O SEU RITMO, AS SUAS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO, PROCURAM TORNAR POSSÍVEL UMA COMUNICAÇÃO MOMENTÂNEA E DESCOMPROMETIDA – CONTUDO, URGENTE E NECESSÁRIA –, ATRAVÉS DA COINCIDÊNCIA ENTRE VIDAS E CRIAÇÕES QUE NÃO SE RECONHECEM IMEDIATAMENTE UMAS NAS OUTRAS, QUE NÃO SE DEDUZEM UMAS DAS OUTRAS, E QUE APARECEM COMO INSUBSTITUÍVEIS E EXTREMAMENTE VIVAS.

A VIDA DESTA PLATAFORMA DEPENDERÁ INTEIRAMENTE DA PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA E NÃO REMUNERADA DE QUEM QUISER PUBLICAR UMA OU VÁRIAS CRIAÇÕES SUAS.

PARA ESTE FIM, O BAZAR COMPOR-SE-Á DE FORMA FUNDAMENTALMENTE *EXOGÂMICA*.

SEMPRE QUE TIVER A OPORTUNIDADE, OU ESTIVER EM RISCO DE SE REPRODUZIR TAL COMO ESTÁ, RECUSÁ-LA-Á, PROCURANDO REINVENTAR-SE.

É ENTRE LUTAS PERDIDAS E MODOS DE FAZER AMOR QUE O BAZAR EMERGE.

ENTRE ENCONTROS IMPREVISTOS, E ACASOS INCONTORNÁVEIS.

O BAZAR NÃO É, PORTANTO, ORGANIZADO EM TORNO DE UMA POSIÇÃO POLÍTICA DEFINIDA – OU, PELO MENOS, NÃO DAS CATEGORIAS QUE POR AÍ SE VEEM.

HÁ, CONTUDO, GESTOS DE RECUSA QUE CONSTITUEM A PRÓPRIA ENGRENAGEM DESTE PROJECTO:

A ABJEÇÃO PELOS IMPASSES BUROCRÁTICOS E PELAS VÁRIAS FORMAS DE CENSURA E DE AUTOCENSURA QUE EMPESTAM O QUOTIDIANO;

A RECUSA DA EM REDUZIR A LIBERDADE DE ESCOLHA À LIBERDADE DE DELEGAR A ESCOLHA A OUTRO, ISTO É, EM ACEITAR QUE CERTAS FORMAS DE CONTROLO SE TORNEM, PARADOXALMENTE, DERRADEIRAS PROVAS DA NOSSA AUTONOMIA;

A RECUSA EM CONVERTER A OBRA CRIADA ÀQUILO QUE SUPOSTAMENTE REPRESENTA;

A RECUSA EM ESPERAR POR QUALQUER LEGITIMAÇÃO INSTITUCIONAL OU CURRICULAR: ESTAS FORMAS DE RECONHECIMENTO NÃO SÃO, MUITAS VEZES, SENÃO UM DESLOCAMENTO EFICAZ DE UMA INTUIÇÃO OU SENSACÃO, QUE ASSIM SE SILENCIA.

ALÉM DISSO, *AQUI NINGUÉM TEM QUEM FALE POR SI*. QUEM QUISER REPRESENTANTES, SABERÁ ONDE ENCONTRÁ-LOS.

O QUE AQUI SE PASSA – SUSSURRARAM-NO AO NOSSO OUVIDO ANTES DE SEQUER NASCERMOS – ESTÁ PARA LÁ DAS COMPETÊNCIAS DA MAIOR PARTE DAS INSTITUIÇÕES ACTUAIS.

E FORAM MEMBROS DESSAS MESMAS INSTITUIÇÕES QUE NOS INFORMARAM DESTA PRODIGIOSA CONDIÇÃO.

E NÃO SEM UMA GRANDE RAZÃO: COMO PODERIAM ELAS SUPORTAR O QUE PRETENDEM ENSINAR, QUANDO É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIO DIVERGIR DOS SEUS MODELOS E PRINCÍPIOS NÃO SÓ PARA CRIAR, COMO ATÉ MESMO PARA APRENDER?

SALVE RARAS EXCEPÇÕES QUE CONFIRMAM A REGRA, É POR SURGIRMOS IMPLICADOS NESTA ESPÉCIE DE SITUAÇÕES QUE ANUNCIAMOS A CRIAÇÃO DE UMA EDITORA ABERTA.

POR ISSO CANTÁMOS, LOGO DE INÍCIO, O NOSSO ANONIMATO E A NOSSA INCOMPETÊNCIA.

E POR CAUSA DESSA INCOMPETÊNCIA INVENTÁMOS O BAZAR.